

A SEMANA – 132

John Gledson

Parece que Machado estava fascinado pela frase latina “similia similibus curantur” (o semelhante cura o semelhante), lema da homeopatia. Claro que era cético em relação à medicina em geral – “em todas as escolas se morre”, como diz o homeopata José Dias no fim de *Dom Casmurro* –, mas a vacina, que fazia grandes progressos no mundo, parece exemplificar a máxima, já que o paciente é inoculado de uma dose da própria doença, “uma cultura atenuada”, para criar resistência a ela. Note-se que ao longo da crônica Machado extrapola para outras áreas este vocabulário médico (a palavra “cultura” aparece cinco vezes). Aparecem assim alguns velhos alvos da sua sátira: a tendência de mudar de opinião como se muda de roupa, e os boatos, a “cultura atenuada do acontecimento”. Logo fala também das eleições para o Conselho Municipal, que aconteceriam no fim do mês, parece que entre a mais completa indiferença; do linguajar técnico das leis, que fogem das palavras comuns; e finalmente de uma sessão tão vergonhosa e caótica do Conselho Municipal, que a própria *Gazeta* deu destaque a ela no dia mesmo em que Machado escrevia (ou finalizava) a crônica. É cômico, mas também sério, como dizem as últimas palavras da crônica.



A SEMANA

9 de dezembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Tudo tende à vacina. Depois da varíola, a raiva; depois da raiva, a difteria; não tarda a vez¹ do cólera-morbo.² O bacilo vírgula, que nos está dando que fazer, passará em breve do terrível mal que é, a uma simples cultura científica, logo de amadores, até roçar pela banalidade. Uma vez regulamentado, fará parte dos cafés e confeitarias. Que digo? Entrará nos códigos de civilidade, oferecer-se-á às visitas um cálice de cólera-morbo ou de outro qualquer licor. Os cavalheiros perguntarão graciosamente às damas: “V. Ex. já tomou hoje o seu bacilo?” Far-se-ão trocadilhos:

- Que tal este *vírgula*?
- Vale um ponto de admiração!

Todas as moléstias irão assim cedendo ao homem, não ficando à natureza outro recurso mais que reformar a patologia. Não bastarão guerras e desastres para abrir caminho às gerações futuras; e demais a guerra pode acabar também, e os próprios desastres, quem sabe? obedecerão a uma lei, que se descobrirá e se emendará algum dia. Sem desastres nem guerras, com as doenças reduzidas, sem conventos, prolongada a velhice até às idades bíblicas, onde irá parar este mundo? Só um grande carregamento, ó doce mãe e amiga Natureza, só um carregamento infinito de moléstias novas.

¹ “ver”, por engano, na *Gazeta*; corrigido por Aurélio.

² A história da vacina, da descoberta dos bacilos que causam as doenças, da elaboração de vacinas contra doenças específicas, e do seu uso em grande escala, é complexa e fascinante. No site historyofvaccines.org dá-se um ótimo resumo e um “timeline” para segui-la em todos os seus detalhes. As quatro doenças mencionadas aqui, todas têm uma história diferente, algumas com pontos cruciais nos anos 1880 e 1890. A varíola foi a primeira doença a ser combatida em grande escala por vacinações. Ao longo dos anos 1880 Louis Pasteur (1822-1895) elaborou uma vacina efetiva contra a raiva, que ele mesmo foi o primeiro a usar em 1885. O bacilo que causa a difteria foi identificado por Edwin Krebs (1834-1913) em 1883, mas a vacina não tinha sido elaborada, o que só aconteceu na década de 1920. O bacilo vírgula, que causa a cólera (ou cólera-morbo), talvez a doença mais temida do séc. XIX, foi identificado por Robert Koch (1843-1910) em 1884, mas neste caso também, uma vacina confiável não tinha sido elaborada, apesar de algumas tentativas. Os grandes avanços no controle desta doença aconteceram quando se reconheceu a importância da higiene, e da água limpa, na sua prevenção. Gustavo Franco informa que o Instituto Bacteriológico de São Paulo detectara um surto de cólera-morbo no Rio, e identificou o bacilo vírgula como sua causa.

Mas a vacina não se deve limitar ao corpo; é preciso aplicá-la à alma e aos costumes, começando na palavra e acabando no governo dos homens. Já a temos na palavra, ao menos, na palavra política. Graças às culturas sucessivas, podemos hoje chamar bandido a um adversário, e, às vezes, a um velho amigo, com quem tenhamos alguma pequena desinteligência. Está assentado que bandido é um divergente. Corja de bandidos é um grupo de pessoas que entende diversamente de outra um artigo da Constituição. Quando os bandidos são também infames, é que venceram as eleições, ou legalmente, ou aproximativamente. Com tais culturas enrija-se a alma, poupam-se ódios, não se perde o apetite nem a consideração. Antes do fim do século, bandido valerá tanto como magro ou canhoto.

Assim também as opiniões. A vacina das opiniões é difícil, não como operação, mas como aceitação do princípio. Diz-se, e com razão, que o micróbio é sempre um mal; ora, a minha opinião é um bem, logo... Erro, grande erro. A minha opinião é um bem, decerto, mas a tua opinião é um mal, e do veneno da tua é que eu me devo preservar, por meio de injeções a tempo, a fim de que, se tiver a desgraça de trocar a minha opinião pela tua, não padeça as terríveis consequências que as ideias detestáveis trazem sempre consigo. E porque não é só a tua ideia que é perversa, mas todas as outras, desde que eu me vacine de todas, estou apto a recebê-las sucessivamente, sem perigo, antes com lucro.

O bacilo zigue-zague, causa da embriaguez... Mas para que ir mais longe? Conhecido o princípio, sabido que tudo deriva de um micróbio, inclusive o vício e a virtude,³ obtém-se pelo mesmo processo a eliminação de tantos males. O boato tem sido descomposto de língua e de pena, é um monstro, um inimigo público, é o diabo, sem advertirem os autores de nomes tão feios, que o boato é a cultura atenuada do acontecimento. Daqui em diante a história se fará com auxílio da bacteriologia.

As eleições, – uma das mais terríveis enfermidades que podem atacar o organismo social, – perderam a violência, e dentro em pouco perderão a própria existência nesta cidade, graças à cultura do respectivo bacilo.⁴ Aposto que o leitor não sabe que tem de eleger no último domingo deste mês os seus representantes municipais?⁵ Não sabe. Se soubesse, já andaria no trabalho da escolha do candidato, em

³ Talvez haja aqui um eco da famosa frase de Hippolyte Taine (1828-1893), na introdução à sua *Histoire de la littérature anglaise*: “Le vice et la vertu sont des produits comme le vitriol et le sucre” (O vício e a virtude são produtos, como o vitríolo ou o açúcar).

⁴ Como já foi aludido na crônica anterior (ver nota 14), propunha-se que o prefeito do Distrito Federal fosse nomeado pelo presidente da República, e não eleito. Quando Machado diz que as eleições perderam a violência, deve ser ironia – na primeira página da *Gazeta* do dia 7, há uma longa notícia sobre as eleições em Niterói, onde, entre outros atos, “as secções estavam tomadas por força armada e capangas”.

⁵ As eleições para o Conselho Municipal aconteceriam no fim do mês: Machado está contrastando, implicitamente, as eleições atuais com as do Império, em que apareciam os nomes dos candidatos, e as suas circulares, nos jornais, sobretudo nos apêditos, com bastante antecedência. Agora, de vez em quando, aparece algum nome, sem mais nada: “Para intendente: Manuel Nicolau Figueira”.

reuniões públicas, ouvindo pacientemente a todos que viessem dizer-lhe o que pensam e o que podem fazer. Quando menos, estaria lendo as circulares dos candidatos, cujos nomes andariam já de boca em boca, desde dois e três meses, ou apresentados por si mesmos, ou indicados por diretórios.

Nem o leitor julgaria somente das ideias e dos planos dos candidatos, conheceria igualmente do estilo e da linguagem deles. Sei que a circular não basta; pode ser obra de algum amigo, sabedor de gramática e de retórica. O discurso, porém, mostrará o homem, e, ainda quando seja alheio e decorado, os ouvintes têm o recurso de lançar a desordem no rebanho das palavras e das ideias do orador. Este, roto o fio da oração, acabará dando por paus e por pedras. Deus meu! não exijo raptos de eloquência. Os discursos municipais podem ser mal feitos, sem conexão, nem lógica, nem clareza, atrapalhados, aborrecidos; é negócio que, salvos os gastos da impressão, só importa à fama dos autores. Mas as leis? O município tem leis, e as leis devem ser escritas.

Agora mesmo, anteontem, foi promulgada a lei que autoriza o Prefeito a regularizar a direção dos veículos. Esta lei tem um art. 2.º que diz assim:

“Art. 2.º Os trilhos que servem de leito a veículos (*bondes*),⁶ os quais sobre os mesmos rodam normalmente, poderão ser mudados para lugares diversos dos que ocupam, somente com prévia aquiescência do conselho, exceto quando se tratar de ligeiras mudanças de trilhos na mesma rua ou outra mais próxima e mais larga do que aquela em que entroncam os mesmos assentados.”

Este art. 2.º não está escrito.⁷ As palavras que o deviam compor, não saíram do tinteiro; saíram outras, inteiramente estranhas, e ainda assim, com a grande pressa que havia, foram deixadas no papel para que se arrumassem por si mesmas; ora, as orações, como os regimentos, não marcham bem senão com muita lição do instrutor. As consequências são naturalmente graves. Como há de o Prefeito cumprir esse artigo? Como hei de eu obedecer a outras leis que saiam assim desconjuntadas? Já não trato de algumas consequências mínimas. Conheço uma pessoa, muito dada a metáforas, que nunca mais dirá *bonde*, e sim “veículo que roda normalmente sobre trilhos”.

O legislador municipal achou-se aqui na mesma dificuldade em que, há anos, estive o redator de um projeto de lei contra os capoeiras.⁸ Não me recordo das palavras todas empregadas na definição do delito; as primeiras eram estas: “Usar de agilidade...” Compreendo o escrúpulo em definir bem o capoeira; mas por que não disse simplesmente capoeira? Não estivesse eu com pressa (os minutos correm) e iria pesquisar o texto de um ato ministerial do princípio do século, em que se davam ordens contra os capoeiras – mas só capoeiras, nada mais.

⁶ Está assim, em itálico, no jornal. Aurélio põe em redondo, aqui e no fim do próximo parágrafo. Note-se que normalmente esta palavra vem em redondo. Parece que os itálicos são intencionais.

⁷ Este projeto de lei, com as palavras que Machado cita, se encontra no *Jornal do Commercio*, p. 3, de quarta-feira, 5 de dezembro.

⁸ Por erro, no jornal vem “capeiras”.

Sendo preciso escrever as leis municipais, não seria fora de propósito criar um ou dois lugares de redatores, nomeando-se para eles pessoas gramaticadas. Aí está uma ideia que podia servir a algum candidato, em circular ou discurso, se não estivéssemos vacinados contra o *vírus*⁹ eleitoral. A capital não quer saber de si. Alguns candidatos obscuros, lembrados por cidadãos ainda mais obscuros, irão aparecendo na última semana. Os mais econômicos mandarão apontar o seu nome, com duas linhas de impressão, entre o licor depurativo de taiuíá e o xarope de alcatrão e jataí.¹⁰ O mais será trabalhinho surdo, pedido particular e abstenção do costume, achaques leves que não matam nem amofinam.

Teremos, depois do último domingo deste mês, outro *vaudeville* como o de anteontem?¹¹ Mudemos os homens se é preciso, mas não se perca a boa e velha chalaça. A peça é da verdadeira escola dos *vaudevilles*, enredo complicado, ditos alegres, muito *quiproquó*¹², diálogo vivo, desfecho inesperado, ainda que pouco claro. Os *couplets* finais vivíssimos. Mas por que chamar a esta peça *Sunt lacrymae rerum*?¹³



⁹ Está assim, em itálico, no jornal. Aurélio põe em redondo.

¹⁰ Isto é, nos apedidos, onde também se anunciavam estes licores e xaropes: o primeiro é “remédio famoso que cura tosse, bronquites, asma, rouquidão e escarros de sangue”.

¹¹ Aqui Machado se refere a uma briga no Conselho Municipal, na quinta-feira, em que foi discutida uma lista de onze pessoas que supostamente “se comprometeram [isto é, tinham sido subornadas] a votar a favor de frontões e bookmakers”. A *Gazeta*, que normalmente não dá destaque especial ao Conselho, comenta a briga na primeira página, logo depois dos telegramas, sob a manchete “A LISTA DOS ONZE”. Limite-me a transcrever um dos pontos altos: um dos intendentess, sr. Carlos Rego, defende-se do boato de que foi ele que apresentou a lista. Mas depois de “varrida a sua testada”, como diz a *Gazeta*, diz que o prefeito lhe dissera que foi o sr. Duarte Teixeira quem apresentara a lista!:

–É uma infâmia! grita o Sr. Duarte!

– Venham as provas, exclamam outros intendentess.

– Defenda-se por sua honra e por honra do conselho, gritavam ainda.

E no meio deste alarido, em que a dignidade do conselho porejava indignação, o Sr. Duarte Teixeira explica que é vítima de uma calúnia, e que estava convencido de que figurava seu nome na lista dos onze.

– Chame então o prefeito à responsabilidade.

– Não chamo. Afasto a calúnia com a ponta do pé!

– Deve chamá-lo, se não pela sua, pela dignidade do conselho!

– Hei de fazer o que entender.

– Mas chama ou não chama?

– Não tenho que lhe dar satisfações.”

Depois de muito “quiproquó”, porém, levanta-se a sessão sem aclarar nada, nem quem apresentou a lista, nem os nomes que constavam nela.

¹² Assim na *Gazeta*; Aurélio põe em romano.

¹³ “São as lágrimas das coisas” – frase da *Eneida*, de Virgílio, livro I, linha 462.